

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
RELAÇÕES PÚBLICAS

RAQUEL SILVA BERARDIN

**TURISMO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA: AS ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS DA
AGÊNCIA VIVALÁ**

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RAQUEL SILVA BERARDIN

**TURISMO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA: AS ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS DA
AGÊNCIA VIVALÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas pela Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Cleusa M. A. Scroferneker

Porto Alegre

2023

RAQUEL SILVA BERALDIN
**TURISMO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA: AS ESTRATÉGIAS
COMUNICACIONAIS DA AGÊNCIA VIVALÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em
Relações Públicas pela Escola de
Comunicação, Artes e Design da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Aprovado em 28 de novembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Cleusa Scroferneker

Prof. Jacques Wainberg

Prof. Denise Pagnussatt

AGRADECIMENTOS

Aviso aos navegantes: não economizarei nos agradecimentos. Espero conseguir mencionar todos que fizeram parte e me acompanharam nessa trajetória.

Em dezembro de 2022, depois de muito sonhar e planejar, eu e meus amigos fechamos uma excursão para a Amazônia. Bia, Clara, Jogui e Maya: obrigada por inspirarem o tema dessa monografia e pelo apoio, mesmo que a um oceano de distância. *Love you.*

Durante esses meses em que estive escrevendo o trabalho, duas pessoas estiveram do meu lado (literalmente) durante todo o processo. Ceci e Isa, agradeço do fundo do meu coração pela amizade, conselhos, parceira e companhia. Obrigada por virem estudar comigo na minha casa, me receberem na de vocês ou ir para algum lugar diferente para fazermos isso juntas.

Agradeço imensamente à minha mãe, pai e irmão pelo apoio incondicional durante toda a minha trajetória acadêmica. Obrigada pela paciência e compreensão.

Também agradeço aos amigos que acompanharam de perto o desenvolvimento dessa monografia, seja opinando, me aconselhando, me ouvindo reclamar, saindo comigo nos fins de semana ou só estando ali. Para os amigos que se fizeram presentes mesmo de longe: amo vocês, saudades e muito obrigada.

Aos meus colegas de faculdade e estágio, agradeço a companhia, parceria e risadas. Expresso meu profundo agradecimento aos meus professores, com destaque para minha orientadora, a Professora Cleusa, cuja tranquilidade, apoio e orientação foram fundamentais ao longo deste percurso acadêmico.

Coach Bennett: thank you for being there in all my starting lines. Aproveito para agradecer também a todos que, em algum momento, me escutaram tagarelar sobre o meu TCC.

À Vivalá, meu muito obrigada não só pela atenção e disponibilidade em participarem da minha monografia, como também pela experiência inesquecível que proporcionaram durante minha visita à Amazônia. Foi incrível.

Por fim, agradeço àqueles que tiveram a paciência de ler todos esses agradecimentos até o fim. Nesse momento, olhando para a minha trajetória e refletindo, fico muito grata pelo apoio e parceria de todes.

ACKNOWLEDGMENTS

Heads up: I am not gonna hold back on the thank *yous*. Hope to be able to include everyone that's been a part of and faced this journey with me.

In December 2022, after much dreaming and planning, me and my friends booked an Amazon Forest trip. Bia, Clara, Jogui and Maya, thank you for insipiring this thesis and for the support, even an ocean away. Love you.

Throughout the months of writing this paper, two people have been literally by my side the whole time. Ceci and Isa, I thank you from the bottom of my heart for your friendship, advice, partnership, and companionship. Thanks for studying at my place, welcoming me to yours, or meeting up so we could work together.

A heartfelt thank you to my mom, dad, and brother for their unconditional support during my academic journey. Thanks for your patience and understanding.

I also want to express my gratitude to the friends who closely followed the production of this thesis, offering opinions, advice, joining me on nighouts and a listening ear. To those who were there from afar: love you, miss you, and thank you so much.

To my classmates and internship colleagues, thanks for the company, partnership, and laughter. I extend profound gratitude to my teachers, especially shining a light on Prof. Cleusa, my orientator, whose tranquility, support, and guidance were fundamental during this academic journey.

Coach Bennett, thank you for being there at all my starting lines. I want to take this moment to express my gratitude to everyone who listened to me chat about my paper.

To Vivalá, thank you not only for your attention and willingness to participate in this research but also for the unforgettable experience you provided on my Amazon Trip. It was incredible.

Lastly, I extend my thanks to those who had the patience to read through all these acknowledgments. As I look back on my journey and reflect, I am truly grateful for everyone's support.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo da concepção e da execução de uma proposta de turismo sustentável na Amazônia, com foco nas expedições realizadas por uma Agência de Turismo específica, a Agência Vivalá, com o fim de aprofundar a análise das estratégias comunicacionais que podem levar ao estabelecimento e à consecução dos objetivos que a iniciativa se propõe a alcançar. Para tanto, parte-se de um enfoque histórico da Amazônia ressaltando sua importância econômica para as nações envolvidas e a importância da sua preservação para o mundo, enfatizando da mesma forma o papel desempenhado por todos os habitantes da Terra neste processo. Destacam-se as características e especificidades do turismo, particularmente da modalidade de Turismo Sustentável, e apresentamos, da mesma forma, aspectos importantes da política governamental que a apoia. A seguir, através de estudo teórico de caso e de pesquisa de campo realizadas junto à Agência Vivalá, busca-se compreender a forma como a agência planeja suas expedições e implementa estratégias comunicacionais voltadas para práticas sustentáveis. Observa-se que a agência não apenas preserva o bioma amazônico em suas expedições, mas também contribui para estimular a economia local e promover práticas turísticas alinhadas com os princípios da sustentabilidade. A coerência entre os objetivos inicialmente estabelecidos, as estratégias para alcançá-los e as práticas efetivas da Agência estudada fortalece a compreensão sobre a importância do compromisso ambiental e social no contexto do turismo na Amazônia.

Palavras-chave: ecoturismo; Amazônia; comunicação; sustentabilidade; Vivalá.

ABSTRACT

This paper is a study of the conception and implementation of a proposal for sustainable tourism in the Amazon, focusing on the expeditions carried out by a specific tourism agency, the Vivalá Agency, in order to deepen the analysis of the communication strategies that can lead to the establishment and achievement of the objectives that the initiative sets out to achieve. To this end, we begin with a historical approach to the Amazon, highlighting its economic importance for the nations involved and the importance of its preservation for the world, as well as emphasizing the role played by all the Earth's inhabitants in this process. The characteristics and specificities of tourism are highlighted, particularly sustainable tourism, and important aspects of the government policy that supports it are also presented. Next, through a theoretical case study and field research carried out with the Vivalá Agency, we seek to understand how the agency plans its expeditions and implements communication strategies geared towards sustainable practices. It was observed that the agency not only preserves the Amazon biome in its expeditions, but also contributes to stimulating the local economy and promoting tourism practices in line with the principles of sustainability. The coherence between the objectives initially set, the strategies to achieve them and the actual practices of the agency studied strengthens the understanding of the importance of the commitment to sustainable tourism.

Keywords: ecotourism; Amazon; communication; sustainable; Vivalá.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
2 AMAZÔNIA: AMEAÇAS E POTENCIALIDADES	13
2.1 A Amazônia e seu potencial.....	16
2.2 Amazônia e globalização.....	20
3 O TURISMO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA	24
3.1 Modalidades de turismo	24
3.2 Turismo sustentável	26
4 A AGÊNCIA VIVALÁ E O TURISMO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA	29
4.1 Sobre a Agência	29
4.2 Planejamento das expedições	34
4.3 Sobre o questionário enviado.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE A – Questões enviadas à Agência.....	48
APÊNDICE B – Entrevista com a Agência	50

Lista de ilustrações

Figura 1- Representação da Pan-Amazônia	13
Figura 2 - Amazônia Legal no território brasileiro	14
Figura 3 - Limites do Bioma Amazônia.....	15
Figura 4 - Ciclo do dióxido de carbono.....	16
Figura 5 - Mapa do desmatamento	22
Figura 6 - Página inicial do site da Agência Vivalá.....	30
Figura 7 - Postagens no Instagram da @somosvivala.....	30
Figura 8 - Metodologia própria	31
Figura 9 - "Quem somos" no site da Agência Vivalá	32
Figura 10 - Como a Agência funciona.....	33
Figura 11 - Visita à casa da farinha.....	33

Lista de tabelas

Tabela 1- Modalidades.....	25
Tabela 2- Sobre o planejamento das expedições	36
Tabela 3- Sobre o impacto das práticas.....	37
Tabela 4 - Sobre o futuro do Turismo Sustentável.....	38
Tabela 5- Sobre a divulgação.....	38
Tabela 6- Sobre as vantagens das expedições.....	39

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Amazônia, a maior e mais emblemática floresta tropical do mundo. É um verdadeiro tesouro de biodiversidade e riqueza, destacando-se em diversos aspectos de acordo com as análises de Nobre (1996). Esta vasta região oferece uma diversidade de ecossistemas impressionante, abrigando uma riqueza inigualável em termos de diversidade biológica e étnica. Com a maior extensão de floresta tropical do planeta, a Amazônia é o lar de cerca de um quarto de todas as espécies animais e vegetais conhecidas, proporcionando um ambiente único para a ciência e a conservação da natureza (Nobre, 1996).

Além de seu valor intrínseco, a Amazônia também é essencial para a saúde do nosso planeta. Com recursos hídricos abundantes, ela desempenha um papel significativo na regulação do ciclo da água, essencial para manter os ecossistemas e a vida em todo o mundo. A floresta amazônica também atua como um importante absorvedouro de dióxido de carbono atmosférico, ajudando a mitigar as mudanças climáticas globais (Nobre, 1996).

Os elementos que caracterizam a rica diversidade da floresta amazônica naturalmente despertaram nossa curiosidade e fascinação. Dessa forma, nossa principal motivação para conduzir esta pesquisa baseou-se em nossa experiência prévia com o turismo sustentável na Amazônia, a qual vivenciamos durante uma expedição promovida pela Agência de Turismo Vivalá.

Segundo Waters (1999), as motivações para viajar evoluíram ao longo dos séculos, contrastando com as finalidades das viagens medievais, que estavam frequentemente ligadas a objetivos diplomáticos ou comerciais. A partir do século XIX, o ato de viajar passou a abranger uma busca por conhecimento cultural, indo além do turismo de lazer.

Com isso, surge o conceito de turismo sustentável, conforme definido pela Organização Mundial do Turismo (2002). Essa modalidade é pautada na harmonização entre as demandas dos turistas e a preservação dos recursos das áreas visitadas. O enfoque do turismo sustentável é proporcionar benefícios tanto para os turistas quanto para as comunidades locais, garantindo a preservação dos recursos naturais e da cultura regional (Cunha e De Jesus, 2020).

Devido à nossa experiência com o turismo sustentável na Amazônia, escolhemos focar em um estudo de caso que reflete a essência desse setor. A

Agência Vivalá, fundada por Daniel Cabrera, Pedro Gayotto e Bárbara Espir, se destaca ao organizar expedições de turismo sustentável e de base comunitária em várias regiões do Brasil.

A Vivalá, que se autodenomina um negócio social, concentra-se na promoção do Turismo Sustentável no Brasil, trabalhando em estreita colaboração com unidades de conservação¹ e comunidades tradicionais. Com sede em São Paulo, a agência já estabeleceu mais de 10 destinos pelo Brasil, onde efetiva essa prática transformadora. Suas ações e abordagens tornam a Vivalá uma fonte inspiradora para este estudo (Vivalá, 2023).

A Organização das Nações Unidas (2015) idealizou um plano para mudar o mundo até 2030. A agenda, chamada de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), traz ações visando eliminar a pobreza extrema e a fome, oferecer educação de qualidade ao longo da vida para todos, proteger o planeta e promover sociedades pacíficas e inclusivas até 2030. O plano possui objetivos que, integrados, irão mudar o mundo de acordo com a ONU.

Conforme trazido por Zaman (2022), a meta 15 das Nações Unidas para 2030, chamada "Vida Terrestre", está fortemente relacionada com a Floresta Amazônica. O objetivo visa à proteção dos ecossistemas terrestres, a gestão sustentável dos recursos florestais, o combate à desertificação, a implementação de reformas fundiárias sustentáveis e a preservação da biodiversidade (ONU, 2015).

Nesse contexto, por meio desta pesquisa, nos propomos as seguintes questões de pesquisa: quais as características/especificidades do turismo sustentável? Como a Agência Vivalá planeja as suas expedições e estratégias comunicacionais para o turismo sustentável na Amazônia? Para responder estes questionamentos definimos dois macro objetivos: destacar as características/especificidades do turismo sustentável; e evidenciar, em como a Agência Vivalá planeja as suas expedições e estratégias comunicacionais voltadas para o turismo sustentável na Amazônia, que não apenas preservem o bioma amazônico, mas também estimulem a economia local e fomentem práticas turísticas sustentáveis.

¹ Unidade de Conservação (UC) é a denominação utilizada no SNUC para o que, internacionalmente, se conhece como áreas protegidas. Formalmente, são espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção da lei. As unidades de conservação são o principal instrumento do SNUC para a preservação a longo prazo da diversidade biológica” (SNUC, 2023).

Cabe mencionarmos que assumimos a concepção de estratégia comunicação proposta por Oliveira e Paula (2012, p.68), ou seja, “[...] a escolha de alternativas para orientar ações ou decisões de forma intencional e articulada. Uma estratégia direciona e integra processos e ações em determinada”²

Trata-se de uma pesquisa exploratória (GIL, 2002) desenvolvida mediante levantamento bibliográfico e documental. Para Gil (2002, p.42)

O levantamento bibliográfico “ [...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos [...].

O levantamento documental, por sua vez, “assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes” (Gil, 2002, p. 45). Para o referido autor,

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (Gil, 2002, p.46).

Igualmente realizamos pesquisa de campo, mediante entrevista semiaberta e envio de questionário com questões igualmente, semiabertas, aos gestores da Agência Vivalá. Lembramos que de acordo com Duarte (2015, p.66) a entrevista semiaberta “tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa”.

O questionário, por sua vez, foi constituído por um roteiro de questões semiabertas, ou seja, “Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo” (Severino, 2013, p.110).

² Oliveira e Paula (2012, p.68) entendem que processo “[...] conjunto dinâmico de atividades ou atos interdependentes, que se realizam em uma sequência contínua e apresentam unidade”, pressupondo “[...] constante atualização e renovação”. Para as autoras: “Um processo, **é em si**, permanente, não sendo possível estabelecer uma conclusão, embora se possam identificar momentos ou etapas, parcialmente encerradas” (ibidem).

Em relação ao referencial teórico, consultamos uma variedade de autores para embasar nossa pesquisa, incluindo Khalid Zaman (2022), Carlos Nobre (1996), Thiago Castelo (2015), Fernando Henrique Cardoso e Geraldo Muller (2008), Malcom Water (1999), Nilson Santarém Nunes (2012), Antonio Carlos Gil (2002), Isabel Madaleno (2011), Mariana Domingues (2012) e diversos outros estudiosos e especialistas no campo de estudo. Suas contribuições forneceram alicerces sólidos para a nossa análise.

A nossa monografia foi desenvolvida em cinco capítulos. No Capítulo 1, Considerações Iniciais, contextualizamos o tema e sua delimitação, as questões de pesquisa e objetivos, os procedimentos metodológicos, o referencial teórico e a estrutura da monografia. Na sequência, procedemos um breve resgate histórico e ambiental sobre a Amazônia, abordando sua história, importância, características distintivas e a situação atual do bioma diante dos desmatamentos, desde os primeiros contatos humanos com a floresta.

No capítulo 3, direcionaremos nossa atenção para o turismo sustentável, um segmento do turismo que requer análise detalhada. Iremos conceituar essa modalidade e explorar suas práticas, detalhando como o turismo sustentável é implementado e suas implicações no contexto amazônico.

O quarto capítulo é dedicado à Agência Vivalá, explorando sua posição no mercado, sua trajetória. Também neste capítulo, destacamos os nossos achados a partir da realizada da entrevista e envio do questionário, no sentido de evidenciar o planejamento de suas expedições, com foco no turismo sustentável, bem como avaliar a congruência entre suas práticas e a definição de turismo sustentável apresentada em nosso estudo teórico.

No capítulo 5, Considerações finais, destacamos os nossos achados em relação ao tema.

2 AMAZÔNIA: AMEAÇAS E POTENCIALIDADES

A Floresta Amazônica, na América do Sul, é a maior e mais diversificada floresta tropical do planeta. Seu vasto território é dominado por uma imensidão de árvores de folhas largas e repleto de biodiversidade. No entanto, ao longo da história, essa riqueza natural tem sido explorada, atendendo à cobiça internacional e, mais recentemente, os interesses do empresariado nacional do agronegócio, em detrimento da preservação (Zaman, 2022).

Outro fator que assombra a Amazônia, conforme trazido por Castelo (2015), é o garimpo. Uma atividade que traz consigo não apenas degradação ambiental, mas também problemas sociais significativos. À medida que exploramos o passado e o presente da Amazônia, torna-se evidente que a trajetória da região é uma história complexa de exploração, interesses econômicos e a luta constante pela preservação de seu patrimônio natural único (Madaleno, 2011).

Para compreendermos completamente a importância da Floresta Amazônica e seus impactos no mundo atual, precisamos recuperar, mesmo que brevemente, sua história desde os primeiros vestígios de ocupação humana na Amazônia brasileira. Este capítulo descreve essa jornada, evidenciando os desafios e as oportunidades que são enfrentados para a preservação deste tesouro natural e do equilíbrio delicado entre a exploração e a conservação.

A Amazônia é um bioma que abrange não apenas o Brasil, mas também outros 9 países da América do Sul. Esse bioma, conhecido como Pan-Amazônia (figura 1), se estende por aproximadamente 7,8 milhões de quilômetros quadrados (IBGE, 2022).

Figura 1- Representação da Pan-Amazônia



Fonte: Envolverde (2023)

Dentre esses países, o Brasil detém a maior parte desse território, abrangendo cerca de 64% da Pan-Amazônia. Em seguida, temos o Peru, que compreende aproximadamente 10% desse bioma, seguido pela Bolívia e Colômbia, ambos com 6% de participação. A Venezuela também possui 6% dessa extensa região. Os 8% restantes estão distribuídos entre Equador, Guiana, Guiana Francesa e Suriname (IBGE, 2022).

No Brasil, a região amazônica (64% da área total) pode ser subdividida em dois principais territórios geográficos: o bioma Amazônia e a Amazônia Legal (figuras 2 e 3). Enquanto o bioma Amazônia, que ocupa uma área de 4,2 milhões de quilômetros quadrados, é caracterizado como um conjunto de ecorregiões com fauna, flora e processos ecológicos semelhantes, abrangendo principalmente florestas tropicais úmidas e uma extensa rede de rios, o bioma Amazônia faz parte de uma definição mais ampla.

Figura 2 - Amazônia Legal no território brasileiro



Fonte: Instituto Socioambiental (2009)

Enquanto o Bioma Amazônia se refere às características naturais da floresta tropical e abrange vários países da América do Sul, a Amazônia Legal (Figura 2) é uma definição legal específica do território brasileiro, que inclui não apenas o Bioma Amazônia, mas também áreas de outros biomas. Essa região é composta por florestas tropicais úmidas, uma extensa rede de rios e uma incrível diversidade de vida selvagem. O bioma Amazônia abrange 48% do território brasileiro (IBGE, 2022).

Figura 3 - Limites do Bioma Amazônia



Fonte: Instituto Brasileiro de Florestas (2023)

A Amazônia Legal, portanto, com cerca de 5 milhões de quilômetros quadrados, engloba todo o território do bioma Amazônia e parte dos biomas Cerrado e Pantanal. Ela inclui todos os estados da Região Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), bem como o estado do Mato Grosso e parte do estado do Maranhão. A Amazônia Legal representa 59% do território nacional (IBGE, 2022).

Embora as florestas tropicais, incluindo a Amazônia, sejam o lar de milhões de espécies de plantas e animais, muitas das quais têm grande valor para a medicina e enfrentam ameaças sérias de extinção, a preocupação predominante ao longo do tempo tem sido a exploração de seus recursos naturais. A história da Amazônia está repleta de narrativas de exploradores europeus do século XVI que buscavam incansavelmente riquezas como o ouro e especiarias, frequentemente às custas das populações indígenas e do ambiente (Zaman, 2022).

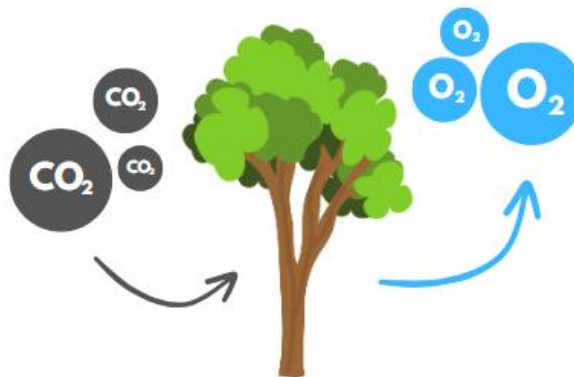
No cenário contemporâneo, a Amazônia continua a enfrentar desafios monumentais. A cobiça internacional persiste, com interesses variados buscando acesso às vastas riquezas da região. Além disso, a crescente influência do empresariado do agronegócio nacional na Amazônia levanta questões críticas sobre o equilíbrio entre a expansão agropecuária e a preservação ambiental.

2.1 A Amazônia e seu potencial

Descrita como "Pulmão do nosso Planeta", a Floresta Amazônica possui um papel muito importante de reciclagem contínua do dióxido de carbono (CO_2) em oxigênio. Esse ciclo é essencial porque, como seres humanos, precisamos de oxigênio (O_2) para sobreviver. Mas de onde vem esse O_2 ?

É nesse momento que entra o ciclo do dióxido de carbono e oxigênio: dióxido de carbono e oxigênio são dois gases; o primeiro é encontrado no ar e é produzido pelas células de organismos, incluindo humanos e outros animais. Esse CO_2 é liberado do corpo quando os organismos exalam (figura 4). Aqui está a conexão: as plantas precisam de dióxido de carbono para produzir seu próprio alimento e liberam oxigênio durante esse processo. Portanto o oxigênio também pode ser encontrado no ar, porque é onde os organismos liberam o O_2 produzido (Conexão Planeta, 2019).

Figura 4 - Ciclo do dióxido de carbono



Fonte: Elaborado com base nos dados fornecidos por Alberts (2017)

O ciclo do dióxido de carbono e oxigênio na Terra depende das plantas. As plantas fornecem o oxigênio que os animais e outras formas de vida precisam para sobreviver, e é uma via de mão dupla, pois os seres vivos e animais fornecem o dióxido de carbono de que as plantas precisam para produzir seu próprio alimento (Zaman, 2022).

De acordo com Chave (2019), pesquisador do Laboratório de Evolução da Biodiversidade em Toulouse, a floresta absorve cerca de 15% do dióxido de carbono presente na atmosfera. "Isso é realmente fundamental, porque se ela não existisse, esse dióxido de carbono permaneceria na atmosfera e o clima mudaria em um ritmo

mais rápido". Ele acrescentou: "Se a Amazônia fosse desmatada, não apenas esses sumidouros de carbono seriam perdidos, mas também se tornaria uma fonte de CO₂ para a atmosfera" (Repórter Brasil, 2021)

Conforme trazido por Khalid Zaman (2022), graças ao seu vasto território de floresta tropical, a Amazônia desempenha um papel fundamental no ciclo de carbono. A floresta é, inclusive, reconhecida como uma das principais regiões de absorção de carbono em todo o mundo.

Baseado no livro "Expansão do Capitalismo" de Fernando Henrique Cardoso e Geraldo Muller (2008), a história da Amazônia pode ser compreendida através de quatro devassamentos, um termo utilizado pelo autor para descrever fases de exploração da região, impulsionadas pelo crescimento do capitalismo.

O primeiro devassamento, como apontado por Cardoso e Muller (2008), abrangeu a exploração da floresta tropical ao longo de rios, riachos, lagos e canais navegáveis. O principal objetivo era a busca por recursos naturais, como plantas utilizadas na alimentação, temperos, na construção naval e na produção de medicamentos na Europa Ocidental. Esse período inicial da economia brasileira ficou conhecido como o "ciclo das drogas do sertão", onde os colonos se concentraram na coleta desses recursos para exportação.

De acordo com o autor, a Amazônia desempenhou um papel crucial na economia colonial, fazendo parte da estratégia de acumulação primitiva europeia. Isso implicou na expropriação de terras e meios de subsistência da população local, transformando a colonização em um empreendimento comercial e capitalista (Cardoso; Muller, 2008).

O povoamento da Amazônia ocorreu principalmente nos séculos XVII e XVIII, quando os portugueses migraram para a região para proteger seus interesses contra a concorrência de ingleses, holandeses e franceses, que exploravam recursos valiosos como especiarias, cacau e madeira. Como resultado, surgiram cidades fortificadas como São Luís do Maranhão, Belém do Pará, Macapá e Manaus, que se tornaram centros de encontro para colonos e comunidades indígenas (Cardoso; Muller, 2008).

Paralelamente, outra linha de povoamento da Amazônia se originou da busca por mão de obra escrava pelos colonos estabelecidos no Maranhão, pois havia

necessidade de trabalhadores para produzir açúcar, tabaco e outros produtos, o que os levou a escravizar a população indígena local.

De acordo com Cardoso e Muller (2008), se observarmos o contexto do ciclo da borracha (segundo devassamento) na Amazônia, perceberemos uma transição crucial na história econômica da região. Inicialmente, o ciclo das drogas do sertão, que podemos considerar como uma fase primordial do capitalismo, deu os primeiros passos. No entanto, à medida que o sistema capitalista global se expandia, surgia um novo protagonista: o ciclo da borracha. Esse ciclo foi projetado com um objetivo específico - reduzir os custos de capital nas indústrias das crescentes potências mundiais - por meio do controle dos preços da borracha (Cardoso; Muller, 2008).

A descoberta da vulcanização da borracha por Charles Goodyear no século XIX impulsionou a extração do látex da *Hevea brasiliensis*, uma espécie nativa da Amazônia, para a produção de borracha. O desenvolvimento do primeiro automóvel em 1885 fez da borracha um componente essencial para a fabricação de pneus. Isso gerou uma demanda crescente por borracha, o que, por sua vez, levou à migração de nordestinos para a Amazônia devido à grande seca de 1877-1879, e novamente em 1888-1889 (Cardoso; Muller, 2008).

Apesar das condições adversas, os seringueiros mantiveram uma abordagem ecologicamente sustentável, colhendo apenas o necessário para sobreviver. À medida que os preços da borracha caíram nas décadas de 1920 e após a Segunda Guerra Mundial, devido à popularização da borracha sintética, o ciclo da borracha chegou ao fim (Madaleno, 2011).

Esse ciclo, conforme explicado por Cardoso e Muller (2008), trouxe um grande aumento populacional para a região amazônica. Tal crescimento demográfico foi resultado da alta demanda da borracha, que trouxe consigo a necessidade de mão de obra e uma imigração para a região.

O terceiro devassamento, de acordo com Cardoso e Muller (2008), refere-se à expansão da colonização e do desenvolvimento econômico, marcado pela invasão de frentes pioneiras agropecuárias e mineradoras nas décadas de 20 e 30 do século XX. O autor destaca a penetração dessas frentes, junto com empregados semi escravizados, sitiantes, fazendeiros e garimpeiros (Cardoso; Muller, 2008).

Durante o período de 1920 a 40, houve um retorno parcial à economia de subsistência, especialmente nas áreas extrativas de látex. A extração de castanha

teve uma fase de expansão, tornando-se um produto de exportação significativo da Amazônia, substituindo temporariamente a borracha (Cardoso; Muller, 2008).

Quanto à pecuária, Cardoso e Muller (2008) ressaltam que a atividade se concentrou na ilha de Marajó³ durante as décadas de 1920 e 40, atendendo principalmente aos mercados de Manaus e Belém. A pecuária paraense, em grande parte, era importada do Maranhão e de Goiás, com exceção da ilha de Marajó. Tanto a agricultura quanto a pecuária eram de caráter intersticial em relação à extração, contribuindo pouco economicamente. Isso reflete a frágil diferenciação do trabalho social e a autossuficiência das frentes que se estabeleceram na Amazônia.

O quarto devassamento, conforme destacado por Cardoso e Muller (2008), é o estágio em que nos encontramos atualmente. Ele tem início no período pós-1940, onde a economia amazônica se divide em duas etapas distintas. A primeira, de 1940 a 1945, foi marcada pelo ressurgimento na produção de borracha.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos, diante do controle japonês sobre as fontes tradicionais de borracha no Oriente, iniciaram um programa para explorá-la na América Latina. O Nordeste mais uma vez forneceu mão de obra, impulsionado pela severa seca de 1942. A imigração resultante, predominantemente familiar, tinha o objetivo claro de garantir uma mão de obra estável, mesmo diante dos altos custos de transporte (Cardoso; Muller, 2008).

A segunda fase, a partir de 1945/50, caracterizou-se pelo desenvolvimento de diversos produtos destinados ao mercado, marcando a diversificação econômica da região. No contexto do quarto devassamento da Amazônia, relacionado ao desenvolvimento econômico, é essencial destacar aspectos mais recentes, como a atuação governamental, incentivos fiscais, iniciativas da empresa privada, a construção da Transamazônica e políticas rodoviárias. Estes fatores desempenharam um papel crucial na transformação econômica da região ao longo do tempo (Cardoso; Muller, 2008).

³ A região é chamada de Amazônia Oriental. A ilha de Marajó está localizada no estado do Pará, é banhada pelo Rio Amazonas e é um local utilizado pelo setor pecuarista para criação de gado nas várzeas (ao longo do Rio Amazonas) (Arima e Uhl, 1996).

2.2 Amazônia e globalização

A globalização, de acordo com Scholte (2002), é definida como um processo que encurtou distâncias entre países e regiões, aproximando o contato entre nações, abrangendo diversos aspectos, como economia, política, cultura e comunicação. Conforme destacado por Malcom Waters (1999), esse processo intensificou a comunicação na vida em sociedade, eliminando os limites territoriais como obstáculo para a interação social, o que resultou, também, em uma maior comunicação entre pessoas de diferentes culturas (Nunes, 2012).

Nesse contexto, podemos entender que problemas enfrentados dentro dos limites de um território podem passar a ser compartilhados em escala global. Conforme trazido por Zaman (2022), desafios enfrentados pela humanidade, como a poluição, acabam transcendendo fronteiras nacionais.

Um exemplo dessa globalização dos problemas é o desmatamento na Amazônia. Sendo uma região de importância global devido à sua biodiversidade única e ao seu papel fundamental na regulação do clima, o desmatamento desenfreado na Amazônia possui implicações significativas em âmbito planetário, tais como a poluição atmosférica, as emissões de gases de efeito estufa e a perda de habitats para espécies animais e vegetais (Zaman, 2022)

A ameaça à Floresta Amazônica é também uma ameaça para a população mundial. A sua preservação não se restringe apenas aos países que compartilham a região amazônica, mas passa a ser uma responsabilidade conjunta da comunidade global. Com essa crescente globalização dos problemas, a busca e proteção dos recursos naturais tornou-se uma importante agenda nas negociações para a maioria dos países. Nesse contexto, dada a abundância de recursos naturais no Brasil, é possível assumirmos que o país se configura como uma significativa potência ambiental, despertando o interesse de outras nações (Fearnside, 2006).

Com isso, nosso país se tornou alvo de constante atenção da comunidade internacional por ter em seu território um recurso tão importante para o futuro do planeta terra. Mas com grandes poderes vêm grandes responsabilidades; e neste caso o governo brasileiro tem a responsabilidade de proteger a Floresta Amazônica.

De acordo com estimativas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, 2023) e da ONU, em 1970, a Floresta Amazônica cobria uma área aproximadamente

4 milhões de km² no território brasileiro. Quatro décadas depois, mais de 750.000 km² dessa floresta foram desmatados, representando um impacto significativo, com aproximadamente 20% da floresta existente em 1970 já desaparecida.

Conforme apontado por Castelo (2015), apenas em 1981, com a promulgação da Lei nº 6.938, que estabeleceu a Política Nacional do Meio Ambiente, a vegetação nativa passou a ser reconhecida como um bem jurídico e ambiental. Esta legislação tinha como objetivo principal harmonizar o desenvolvimento econômico e social com a preservação da qualidade do meio ambiente, identificando áreas prioritárias para o equilíbrio ecológico de acordo com os interesses da União, Estados e municípios (Brasil, 1981).

O debate em torno do Novo Código Florestal tem sido acompanhado por transformações no cenário do desmatamento na Amazônia. O desmatamento vem sendo, uma questão persistente na região ao longo dos séculos, intensificando-se nos anos 1980 e 1990. No entanto, no final da década de 1990, começou a haver mudanças nesse cenário com a implementação de vários programas e políticas que buscavam integrar e proteger os recursos naturais por meio de investimentos tanto do setor público quanto do privado (Castelo, 2015).

No início do século, foram implementadas algumas medidas para combater o desmatamento, como a demarcação de áreas indígenas e o aumento da fiscalização e em 2012, houve uma melhoria significativa nesse cenário, com uma área desmatada de 4.571 km², de acordo com o Prodes (Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite). No entanto, ao longo dos últimos anos, a estratégia diplomática do Brasil vem passando por mudanças, especialmente à medida que as economias emergentes também se tornaram responsáveis pelas maiores taxas de desmatamento (Barros, 2011).

A maior taxa de desmatamento, de acordo com o INPE (2021)⁴, foi registrada entre os anos 2018-2022. Nestes anos, o governo brasileiro adotou medidas que enfraqueceram a proteção ambiental, como a assinatura de medidas provisórias e decretos que flexibilizaram os requisitos de licenciamento ambiental. Além disso, suspendeu-se a ratificação das terras indígenas, reduziu-se as áreas de proteção e

⁴ O INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) é uma instituição de pesquisa brasileira dedicada ao estudo e à pesquisa em áreas relacionadas ao espaço, ao meio ambiente e à atmosfera terrestre. Fundado em 1961, o INPE é vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações do Brasil e tem sede em São José dos Campos, no estado de São Paulo.

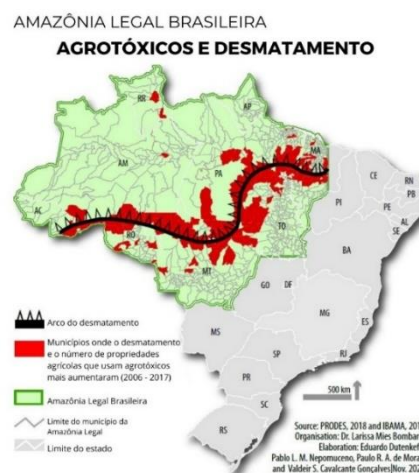
facilitou-se a obtenção de escrituras por parte de grileiros em áreas desmatadas ilegalmente. Também houve uma postura negacionista em relação às mudanças climáticas, evidenciada pela ameaça de retirada do país do Acordo de Paris e a desistência de sediar a Conferência do Clima.

Em 2019, com base nos dados do Prodes, a área desmatada ultrapassou 10 mil km², ao mesmo tempo em que se intensificaram os incêndios. Essa situação é atribuída ao apoio governamental à exploração de áreas indígenas e à extinção de alguns órgãos de fiscalização.

Conforme explicado por Domingues (2012), uma das principais razões para o desmatamento na Amazônia é o crescimento da produção de soja. Isso leva a um processo de desmatamento que inclui a derrubada das árvores, a criação de áreas para gado e, em seguida, a transformação dessas áreas em plantações mecanizadas.

De acordo com a Agência Repórter Brasil (2021), nos últimos 10 anos, aproximadamente 30 mil hectares de vegetação nativa, o equivalente a 30 mil campos de futebol, foram severamente impactados pelo uso de agrotóxicos despejados por avião na Amazônia e em outros biomas (figura 5). Essa prática, adotada por fazendeiros para acelerar o desmatamento e dar lugar às plantações de soja e à pecuária, resultou em multas que totalizam mais de R\$ 72 milhões, aplicadas pelo Ibama em casos de desmatamento com pulverização aérea de agrotóxicos entre 2010 e 2020.

Figura 5 - Mapa do desmatamento



Fonte: Repórter Brasil (2021)

O aumento do uso de pesticidas em propriedades da região conhecida como o "arco do desmatamento" na Amazônia está diretamente associado ao avanço do desmatamento. Este cenário é alimentado pela impunidade e pela falta de fiscalização, que resultam da redução das medidas de controle ambiental durante o governo em vigor na época.

Até o ano de 2021, apenas três das quatorze multas emitidas por desmatamento com uso de agrotóxicos foram efetivamente pagas. Para ilustrar a dimensão desse problema, uma análise da Universidade Federal do Paraná revelou que somente uma em vinte e oito multas, emitidas pelo órgão e com valores superiores a R\$ 1 milhão, foi quitada (Repórter Brasil, 2021).

O enfoque histórico e atualizado evidencia a imensa e ao mesmo tempo intensa tarefa que há pela frente, tanto por parte dos órgãos públicos responsáveis quanto por todos os brasileiros, brasileiras e cidadãos e cidadãs do mundo inteiro. Nesse contexto, é crucial compreender e diferenciar não apenas a Floresta Amazônica, mas também o bioma amazônico e a região amazônica da América Latina (Pan-amazônia). Além disso, a abordagem da história da região e do cenário atual da Floresta Amazônica, desde seus primórdios até os dias atuais, permite a compreensão da exploração que a floresta sofreu ao longo dos séculos. É fundamental considerarmos a influência significativa da globalização nesse processo, transformando a floresta em um produto ao invés de preservar seu status como um bioma vivo, lar de diversas formas de vida.

Dentro desse contexto, assume relevância refletirmos sobre o papel da globalização, especialmente em relação ao último devassamento, conforme destacado por Cardoso e Muller (2008). Este cenário reforça a necessidade não apenas de evitar o desmatamento, mas também de desenvolver uma cultura que represente um compromisso efetivo voltado à sustentabilidade, reconhecendo a Floresta Amazônica como um elemento essencial para a vida humana na Terra. É disso que nos ocuparemos nas páginas que seguem.

3 O TURISMO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA

Antes de abordarmos o turismo sustentável na região amazônica, precisamos compreender a definição de turismo. Para ilustrar esse ponto, faremos uma breve descrição sobre o ato de viajar.

De acordo com Malcolm Waters (1999), em sua obra "Globalização", durante a Idade Média, as viagens eram, em sua maioria, motivadas por finalidades comerciais, militares, diplomáticas e similares. Naquela época, fatores como recursos financeiros e limitações de tempo desencorajavam a prática de viagens.

Entretanto, no século XIX, a motivação para viajar não estava mais restrita ao trabalho ou a interesses comerciais, mas também abrangia a busca por enriquecimento cultural. No entanto, no final do século XIX, surgiu uma nova forma de viagem: o turismo de lazer, no qual um período era dedicado ao descanso e à recreação. Assim, o turismo passou a se desenvolver e se integrar cada vez mais à vida cotidiana da sociedade.

Diante das diferentes concepções teóricas existentes sobre o turismo, este trabalho adotará a definição que o caracteriza como:

Um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de um indivíduo ou grupo de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro... gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural. ”
(De La Torre, 1992 *apud* Fonteless, 1999, p. 92)

Quando abordamos o turismo e seus impactos nos territórios em que ele ocorre, é fundamental compreender que esse fenômeno se manifesta de maneira diversificada em termos de formas e escalas. O turismo é um fenômeno complexo, envolvendo diversos atores sociais (Lenci; Rabinovici, 2022).

3.1 Modalidades de turismo

Atualmente, o turismo é amplamente reconhecido como uma indústria em constante evolução, onde a segmentação se tornou uma ferramenta de marketing vital para países e regiões. Isso ocorre porque a oferta de uma localidade muitas vezes

abrange múltiplas formas de turismo, o que possibilita atender às demandas de perfis de turistas diferenciados (Campos, 2016).

De acordo com o Ministério do Turismo (2021) a segmentação no turismo é uma estratégia utilizada para fins de planejamento, gestão e mercado, permitindo a organização das atividades turísticas em categorias distintas. Esses segmentos podem ser definidos a partir das características da oferta e da demanda.

No que diz respeito à oferta, a segmentação se baseia na identidade de um território, que pode ser determinada pela presença de atividades, práticas, tradições, aspectos geográficos, históricos, arquitetônicos, serviços, infraestrutura e muito mais. Esses elementos contribuem para a criação de tipos específicos de turismo (Ministério do Turismo, 2021).

Quando olhamos para a demanda, a segmentação é estabelecida com base na identificação de grupos de consumidores que possuem características e preferências distintas. Esses grupos são caracterizados por fatores que influenciam suas decisões, motivações e preferências de viagem (Ministério do Turismo, 2021).

Essas definições têm como base o conceito oficial de turismo adotado pelo Brasil, conforme estabelecido pela Organização Mundial de Turismo (OMT). De acordo com a OMT, o turismo engloba todas as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens a locais diferentes de seu ambiente habitual, com duração inferior a um ano, e com finalidades que podem incluir lazer, negócios e outros propósitos.

De acordo com o Ministério do Turismo, os principais segmentos/modalidades do turismo no Brasil podem ser separados entre as seguintes modalidades:

Tabela 1- Modalidades

Modalidades	Características
Turismo de Sol e Praia	Este segmento destaca as belas praias brasileiras e as condições climáticas favoráveis para o turismo de sol e praia.
Cultural	Enfatiza as cidades e seus patrimônios culturais, incluindo elementos como arqueologia, festas populares e a diversidade étnica do país.

Ecoturismo	Promove a possibilidade de atividades como caminhadas, observação da flora e fauna, e visitas a cavernas, destacando o potencial natural do Brasil.
Esportes	Destaca a variedade de esportes que os turistas podem praticar ou assistir, como mergulho, pesca esportiva, futebol, vôlei, esportes radicais, entre outros.
Negócios e Eventos	Envolve a capacidade do país de sediar feiras, congressos, convenções e exposições devido à infraestrutura adequada para tais eventos, combinando negócios com lazer.

Fonte: Elaborado com base nas informações do Ministério do Turismo (2023)

Além dessas modalidades, o Ministério do Turismo considera: Turismo Social, Turismo de Estudos e Intercâmbio, Turismo de Esportes, Turismo de Pesca, Turismo Náutico, Turismo de Aventura, Turismo Rural e Turismo de Saúde.

Essa segmentação estratégica visa maximizar o potencial turístico do Brasil, atraindo turistas com diferentes interesses e, assim, diversificando a oferta de experiências para atender a uma ampla gama de públicos (Ministério do Turismo, 2023).

Tendo em vista o nosso objeto, abordaremos na sequência o turismo sustentável.

3.2 Turismo sustentável

A Organização Mundial de Turismo (OMT, 2003, p. 24) definiu o turismo sustentável como aquele que "atende às demandas dos turistas contemporâneos e das comunidades anfitriãs, ao mesmo tempo em que protege e expande as oportunidades para o futuro". Dessa forma, busca satisfazer as necessidades atuais relacionadas à economia, sociedade e qualidade de vida no desenvolvimento regional, ao mesmo tempo em que preserva os recursos naturais e a integridade cultural das populações locais. Essa abordagem promove a responsabilidade coletiva e visa atender às expectativas dos turistas de maneira que a atividade possa continuar a proporcionar benefícios de forma sustentável.

Conforme trazido por Cunha e de Jesus (2020) e de acordo com a OMT (2001), a sustentabilidade no turismo está fortemente ligada aos seguintes pilares essenciais:

Melhorar a qualidade de vida da população local, das pessoas que vivem e trabalham no local turístico; prover experiência de melhor qualidade para o visitante; manter a qualidade do meio ambiente da qual depende a população local e os visitantes; a efetivação de aumento dos níveis de rentabilidade econômica da atividade turística para os residentes locais; assegurar a obtenção de lucros pelos empresários turísticos (OMT, 2001, p. 246).

A OMT (2003) desenvolveu um conjunto abrangente de indicadores para avaliar o desenvolvimento sustentável do turismo em comunidades. Esses indicadores incluem aspectos como o bem-estar das comunidades locais, a conservação do patrimônio cultural, a participação da comunidade no turismo, a satisfação dos turistas, a saúde e segurança, o aproveitamento dos benefícios econômicos do turismo, a proteção dos recursos naturais e a gestão eficaz desses recursos. Esses indicadores visam minimizar o impacto ambiental do turismo, garantindo um controle adequado das atividades turísticas e promovendo a sustentabilidade das operações e serviços turísticos.

Para os autores Cunha e de Jesus (2020), fica evidente que o turismo sustentável está diretamente ligado à forma como as pessoas interagem com o meio ambiente. A modalidade reconhece os impactos econômicos, sociais e ambientais atuais e futuros, buscando atender às necessidades de todos os envolvidos, incluindo visitantes, a indústria do turismo, o meio ambiente e as comunidades locais.

Percebemos que o turismo, quando realizado de forma sustentável e com a participação ativa da comunidade, tem o potencial de proporcionar benefícios tanto no âmbito ambiental quanto cultural, contribuindo para a valorização das regiões. Além disso, ao abordar os conceitos de solidariedade, o turismo pode desencadear uma mobilização social em prol da colaboração comunitária visando mudanças de longo prazo (Macedo, 2011).

O Brasil, como anteriormente mencionado, destaca-se como um dos países mais ricos em biodiversidade devido à variedade de seus biomas, como a Amazônia, Mata Atlântica, Campos Sulinos, Caatinga, Cerrado, Pantanal e Zona Costeira e Marítima, oferecendo um cenário excepcionalmente propício para o desenvolvimento do segmento de Ecoturismo (Amazônia 2030, 2021).

Conforme publicado pelo Ministério do Turismo (2010), o Ecoturismo no Brasil emerge como resultado do movimento ambientalista, quando os debates acerca da necessidade de conservação do meio ambiente por meio de práticas sustentáveis começam a influenciar a atividade turística. Ao longo dos anos, essa modalidade de turismo tem se desenvolvido e adquirido importância em meio às discussões sobre um modelo de turismo mais responsável. Várias instituições e operadores turísticos especializados apontam para um crescimento constante do Ecoturismo em todo o mundo, com o Brasil, devido à sua rica diversidade natural, destacando-se como um destino de grande potencial e competitividade internacional (Ministério do Turismo, 2010).

Os princípios fundamentais do Ecoturismo incluem a conservação ambiental e o engajamento das comunidades locais, sendo de suma importância que essas atividades sejam desenvolvidas de acordo com os princípios da sustentabilidade, com base em fundamentos teóricos e práticos e em conformidade com as regulamentações legais pertinentes (Ministério do Turismo, 2010). Simultaneamente, observamos um aumento das iniciativas proativas por parte dos agentes e operadores de turismo, em particular agências de turismo e estabelecimentos de hospedagem que atuam em ambientes naturais, na realização de atividades relacionadas ao Ecoturismo, como a Agência Vivalá.

4 A AGÊNCIA VIVALÁ E O TURISMO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA

Tendo em vista a nossa experiência com turismo sustentável com a Agência Vivalá, optamos por pesquisá-la, considerando que, sob nossa perspectiva, suas práticas estão alinhadas com os princípios e procedimentos dessa modalidade de turismo.

Para entendermos sobre essa modalidade de turismo oferecida pela Agência, definimos como procedimentos metodológicos:

- a) entrevista com questões semiabertas, via google meet; e,
- b) questionário com questões semiabertas, por e-mail.

É importante mencionarmos que inicialmente era nossa intenção a realização apenas de entrevista com questões semiestruturadas, mas em função de um problema técnico na gravação, consultamos a empresa sobre a possibilidade de envio de questionário com as questões abertas, cujas respostas não ficaram gravadas (Apêndice B).

No total, foram propostas oito questões que exploravam temas relacionados, à sustentabilidade, planejamento e vantagens das expedições, o impacto das suas práticas, sobre o futuro do turismo sustentável, sobre a divulgação dessa modalidade de turismo, sendo cinco enviadas por e-mail e três recuperadas da gravação da entrevista realizada através do Google Meet.

4.1 Sobre a Agência

A Agência Vivalá⁵ atua na área do turismo, planejando expedições de turismo sustentável no Brasil. De acordo com o seu site (figura 6), a Vivalá acredita que o turismo sustentável seja um fator chave para o desenvolvimento socioambiental e empoderamento de comunidades brasileiras.

⁵ Informações disponíveis no site da empresa.

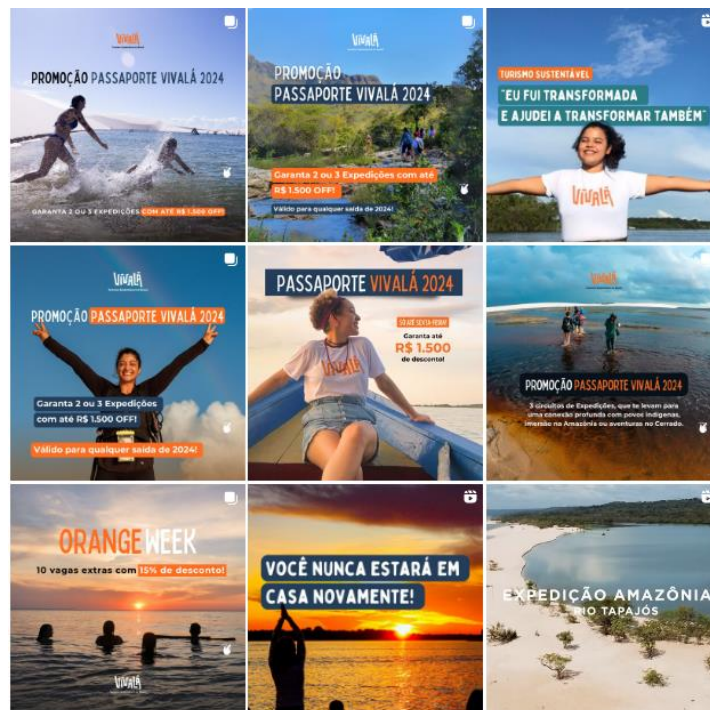
Figura 6 - Página inicial do site da Agência Vivalá



Fonte: Vivalá (2023)

A Agência utiliza o site (figura 6) e o Instagram (figura 7) como principais plataformas para divulgar suas práticas e atividades. As postagens da Agência incluem relatos de viajantes, imagens dos destinos e promoção dos roteiros de expedições.

Figura 7 - Postagens no Instagram da @somosvivala



Fonte: @somosvivala (2023)

De acordo com o relato de Pedro Gayotto durante nossa entrevista, a Vivalá teve origem no seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de seu cofundador,

Daniel Cabrera. Ambos concluíram a graduação em marketing em 2013 e compartilhavam o desejo de atuar em algo com um impacto social significativo. Assim, a Vivalá foi concebida como uma agência dedicada a capacitar comunidades que possuíssem um potencial turístico inexplorado, adotando sua própria metodologia (figura 8).

Figura 8 - Metodologia própria



Fonte: Vivalá (2023)

Atualmente, conforme mencionado pelo cofundador, a Vivalá desempenha um papel de destaque no campo do Turismo Sustentável e do Turismo de Base Comunitária⁶. A agência foi reconhecida por sua atuação nesse setor que recebeu um convite do Ministério do Turismo para compartilhar sua expertise e reforçar sua posição de liderança no assunto.

Nas palavras de Nobre (2019), o Brasil possui uma vantagem única quando o critério é a biodiversidade, destacando-se como o líder global nesse aspecto. Com um território que abriga a maior parte da Amazônia, o país tem o potencial de se tornar uma grande potência ambiental, desempenhando um papel crucial na proteção da vida na Terra.

Concordando com o que foi trazido por Nobre (2019), Pedro afirma que o Brasil possui “um potencial gigantesco” no âmbito de turismo sustentável. “Nossa expectativa para os próximos anos é de que o turismo na região se tornará cada vez maior” (Gayotto, 2023).

⁶ De acordo com o Lenci e Rabinovici (2022), o Turismo de Base Comunitária está entre as modalidades de turismo consideradas sustentáveis e responsáveis ao seguirem as premissas que os regem. Seu objetivo maior é o benefício às comunidades locais.

Observamos que a Vivalá (figura 9) possui uma causa muito clara, almejando tornar o Brasil o maior destino de turismo sustentável no mundo. E, de acordo com Nobre (2019), é uma ambição muito concreta, visto que o Brasil possui este potencial.

Figura 9 - "Quem somos" no site da Agência Vivalá

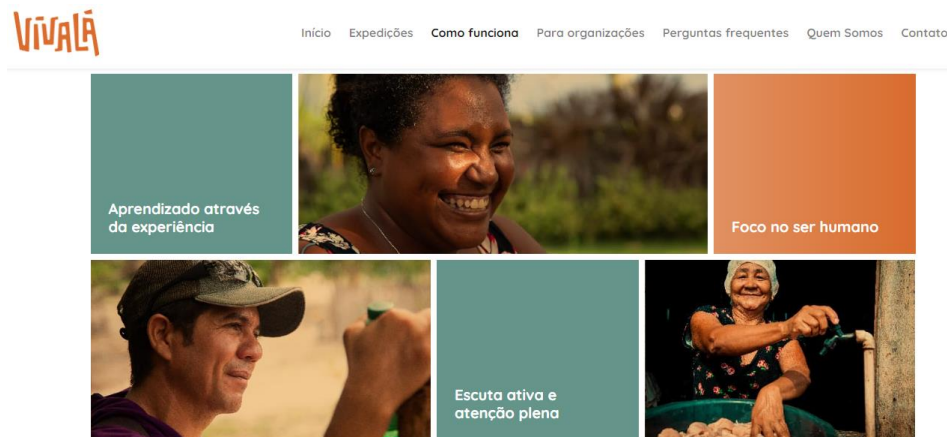


Fonte: Vivalá (2023)

De acordo com a agência (2023), sustentabilidade é a contemplação dos pilares ambiental, social e financeiro. No que se refere ao aspecto ambiental, a agência realiza expedições em áreas de conservação, permitindo uma profunda imersão na natureza do Brasil.

A Vivalá (2023) defende que através do conhecimento direto desses locais, as pessoas poderão realmente apreender a magnitude de sua importância e, conseqüentemente, transmitir a mensagem de conservação a um público mais amplo. Gayotto enfatiza ainda mais essa ideia, destacando que a experiência dos viajantes desempenha um papel fundamental na educação e sensibilização sobre o bioma. Tal posição também é enfatizada no site da agência, conforme ilustrado na figura 10.

Figura 10 - Como a Agência funciona



Fonte: Vivalá (2023)

Na esfera social, o Turismo de Base Comunitária praticado pela Vivalá (figura 11) implica estabelecer um contato próximo com os moradores locais. Isso envolve a imersão na cultura local, aprendendo com os habitantes e promovendo o desenvolvimento da comunidade ao apoiar a compra de seus serviços e produtos (Vivalá, 2023).

Figura 11 - Visita à casa da farinha



Fonte: acervo pessoal da autora

No âmbito financeiro, a agência Vivalá afirma reinvestir pelo menos 50% de seus lucros. Isso é feito com o objetivo de expandir suas operações, gerando um impacto ainda mais expressivo no país e viabilizando a construção de um turismo verdadeiramente sustentável (Vivalá, 2023).

4.2 Planejamento das expedições

Na nossa entrevista com Pedro Gayotto, cofundador da Vivalá, ele destacou que o planejamento das expedições da agência na Amazônia considera duas etapas. A primeira etapa desse planejamento é a identificação das áreas de conservação. Segundo ele, "são estas áreas que sofrem maior pressão por desmatamento ilegal, motivado por uma visão de desenvolvimento atrasada e insustentável, que enxerga a floresta de pé como obstáculo à geração de riqueza" (Gayotto, 2023).

Por esse motivo, Pedro destaca que a missão da Vivalá é transformar o turismo em um motor de criação de oportunidades nas Unidades de Conservação. A segunda etapa se dedica a envolver as comunidades locais. Nesta fase, elas são identificadas para que sejam as protagonistas, mantendo o poder econômico nas mãos das famílias envolvidas com as expedições (Gayotto, 2023).

A agência, conforme trazido pelo cofundador, estrutura seus roteiros com base em três pilares fundamentais: o ambiental, o social e o econômico. Gayotto enfatiza que o planejamento dos roteiros é meticulosamente elaborado para integrar a cultura local à experiência dos viajantes. Esse processo é viabilizado por meio de um diálogo constante com as comunidades locais.

Nós traçamos as possibilidades de roteiros e atividades a serem realizadas por lá, garantindo que saberes e culturas ancestrais estejam no centro da experiência que potenciais viajantes terão na região (Gayotto, 2023).

As expedições da Vivalá, além de seguirem uma abordagem que engloba os três pilares, aderem rigorosamente às leis e regulamentações governamentais. De acordo com Pedro, o planejamento respeita as diretrizes específicas de cada Unidade de Conservação, que podem variar de local para local (Gayotto, 2023).

Para garantir a conformidade, os roteiros frequentemente seguem os planos de manejo estabelecidos para cada área onde as expedições ocorrem. Além disso, toda a documentação necessária é devidamente providenciada e apresentada. Isso assegura que as operações da Vivalá ocorram dentro dos parâmetros legais e ambientais em todas as suas expedições (Gayotto, 2023).

Ao questionarmos quanto ao impacto social, econômico e sustentável da Vivalá nas comunidades em que realizam suas expedições, Pedro informa que eles são medidos de duas maneiras: quantitativa e qualitativa. Do ponto de vista quantitativo, é mensurado o dinheiro injetado nas economias locais por meio do Turismo.

Qualitativamente, são coletados relatos por meio dos relacionamentos construídos com os empreendedores locais. "[Eles] nos trazem grandes indicadores de sucesso do Turismo na região" (Gayotto, 2023). Gayotto observa que um dos resultados mais significativos do turismo sustentável nas comunidades locais é o aumento da segurança e confiança, bem como a restauração da dignidade e da autoestima entre as famílias e pessoas nativas.

Uma das preocupações mencionadas pelo entrevistado refere-se à divulgação do turismo sustentável na Amazônia. Ambos os fundadores possuem formação em marketing, reconhecendo que o turismo se beneficia de uma estratégia de comunicação bem elaborada (Gayotto, 2023).

De acordo com Pedro, há um grande esforço para que a atividade seja divulgada de maneira responsável. "Sem idealizações, sem reforço de estereótipos e muito menos utilizando eventuais momentos de escassez ou dificuldades da região como gatilho de mobilização", diz o cofundador.

A agência elabora a divulgação trazendo personagens das expedições histórias de viajantes e explorando o potencial visual dos destinos. Além disso, Pedro ressalta que os materiais de divulgação reconhecem a importância de conhecer o bioma Amazônia. "Hoje [o bioma] está muito ameaçado, provocando também as pessoas a conhecerem aquilo que buscam preservar."

Entendemos que a abordagem da Vivalá dá voz às comunidades, reconhecendo que elas têm histórias que merecem ser compartilhadas e apreciadas. Isso não apenas fortalece as conexões entre os visitantes e as comunidades, mas também contribui para o empoderamento e desenvolvimento sustentável desses grupos locais.

Observamos que as práticas da agência Vivalá estão extremamente alinhadas com os princípios do Turismo Sustentável, conforme destacado anteriormente. Suas expedições envolvem ativamente a comunidade local e promovem interações significativas com a cultura e o ecossistema, gerando impactos econômicos positivos na região. Além disso, os viajantes retornam das expedições engajados com a causa,

motivando uma conscientização ambiental e social duradoura e contribuindo para a mobilização social (Cunha; Jesus, 2020; Macedo, 2011).

Além disso, a Vivalá atribui grande importância à preservação ambiental nas áreas visitadas, atentando cuidadosamente para minimizar o impacto ambiental do turismo. Essas características das expedições da agência refletem os princípios fundamentais do Ecoturismo, conforme definido pelo Ministério do Turismo (2023). A Vivalá demonstra um compromisso sólido em proporcionar experiências de turismo sustentável que respeitem o meio ambiente, promovam a conscientização e beneficiem tanto as comunidades locais quanto os viajantes.

Quanto ao futuro do Turismo Sustentável na Amazônia, Gayotto (2023), afirma que possui um olhar otimista. A Vivalá reconhece que o turismo na região enfrenta desafios como o saneamento básico, falta de fiscalização e segurança da população e turistas, mas ainda assim possui potencial imenso. "Nossa expectativa para os próximos anos é de que o turismo na região se tornará cada vez maior" (Gayotto, 2023).

4.3 Sobre o questionário enviado

Tendo em vista o envio do questionário, optamos por apresentar em um quadro síntese as respostas enviadas pelos gestores da Agência. Foram 5 questões abertas sobre temas relacionados à nossa reflexão. Tais questões complementam as afirmações dos gestores, que reafirmam o seu compromisso e preocupação com o turismo sustentável.

Em relação à questão sobre como se dá o planejamento das expedições na Amazônia de maneira que se enquadre na definição de turismo sustentável/turismo de base comunitária que a Vivalá utiliza, o respondente afirmou:

Tabela 2- Sobre o planejamento das expedições

<p>O primeiro passo é identificar Unidades de Conservação ou Terras Indígenas como territórios a serem trabalhados. São estas áreas que sofrem maior pressão por desmatamento ilegal, motivado por uma visão de desenvolvimento atrasada e insustentável, que <i>enxerga a floresta de pé como obstáculo à geração de riqueza</i>. É por isso que <i>é lá que queremos que o Turismo se torne motor de geração de</i></p>

oportunidades. Depois, identificamos as comunidades que vivem neste território, para que elas sejam as protagonistas e também concentrem o recurso que é gerado através da atividade turística na região. Por fim, em diálogo constante com as comunidades, nós traçamos as possibilidades de roteiros e atividades a serem realizadas por lá, garantindo que saberes e culturas ancestrais estejam no centro da experiência que potenciais viajantes terão na região. De maneira simplificada, é assim.

Fonte: elaborado pela autora com base nas respostas enviadas pela Vivalá (2023).

Destacamos em itálico as afirmativas que validam nossas observações durante a expedição. Como viajantes participantes, notamos o cuidado da agência ao planejar os roteiros, priorizando atividades que envolvem e engajam as comunidades locais. As ações promoviam a participação ativa dos ribeirinhos, permitindo que expressassem suas vivências. Ouvir diretamente suas histórias e sabedoria acrescentou um valor significativo à experiência, despertando um interesse mais profundo e proporcionando uma imersão completa na Floresta Amazônica.

Sobre a percepção/avaliação da Agência no que se refere o impacto [social/econômico e sustentável] dessa prática de turismo para as comunidades na Amazônia, o respondente reiterou que:

Tabela 3- Sobre o impacto das práticas

Do ponto de vista quantitativo, nós mensuramos: dinheiro injetado nas economias locais através do Turismo / Negócios, famílias e pessoas nativas envolvidas na operação turística. São métricas que nos mostram o impacto socioeconômico da atividade nessas comunidades. Embora já tenhamos tentado coletar mais dados nas comunidades, é bem difícil ter um histórico sobre faturamento e renda das pessoas antes do turismo chegar, para termos uma base de comparação confiável. Do ponto de vista qualitativo, coletamos relatos e construímos relacionamentos com empreendedores locais que nos trazem grandes indicadores de sucesso do Turismo na região.

Fonte: elaborado pela autora com base nas respostas enviadas pela Vivalá (2023).

A busca por mensuração desses impactos revela-se como uma importante contribuição do turismo sustentável, especialmente para as comunidades envolvidas. Seria oportuno que houvesse uma atuação conjunta com o setor público, voltada para a obtenção de informações que auxiliasse na elaboração de políticas públicas

voltadas para o turismo sustentável, assegurando ganhos para as comunidades envolvidas.

Ao ser questionado sobre o futuro do turismo sustentável na Amazônia, afirmou:

Tabela 4 - Sobre o futuro do Turismo Sustentável

Acreditamos que o *turismo na Amazônia possui desafios imensos*, mas que ainda são menores do que o seu próprio potencial. *Iniciativas multisetoriais para trabalhar saneamento básico, fiscalização e proteção ambiental e segurança da população e dos turistas são extremamente necessárias para que o Turismo prospere na região.* No entanto, nossa *expectativa para os próximos anos é de que o turismo na região se tornará cada vez maior.* Pós Pandemia, a demanda cresceu de maneira acelerada em 2022 e 2023 - não só para a Vivalá, mas para os nossos parceiros locais também. *E o olhar para o desenvolvimento da região nos deixa otimista.* A COP 30 em Belém e todas as iniciativas públicas e privadas que têm se mostrando para nós, nos deixam bastante otimistas.

Fonte: elaborado pela autora com base nas respostas enviadas pela Vivalá (2023).

O respondente reitera sobre a necessidade da articulação dos setores público e privado para a valorização e cuidado do espaço amazônico para o seu desenvolvimento social, econômico e ambiental responsável.

Sobre a divulgação do turismo sustentável, Pedro afirma que:

Tabela 5- Sobre a divulgação

Há um grande esforço em *divulgarmos a atividade do turismo na Amazônia de maneira responsável.* Sem idealizações, sem reforço de estereótipo e muito menos trazendo eventuais momentos de escassez ou dificuldades da região como gatilho de mobilização. *Trazer personagens das expedições para divulgações, colocar muito estímulo audiovisual e tentar traduzir um pouco das histórias que os viajantes podem encontrar nos roteiros - mas não o suficiente para dar 'spoiler' demais' - são ações que fazem parte do nosso pensamento.* E mais do que tudo, *reconhecer a importância de se conhecer o nosso bioma que hoje está muito ameaçado, provocando também as pessoas a conhecerem aquilo que buscam preservar.*

Fonte: elaborado pela autora com base nas respostas enviadas pela Vivalá (2023).

Observamos que as afirmações reforçam as respostas anteriores, complementando-as e alinhando-se aos autores do nosso referencial teórico.

Conforme destacado por Macedo (2011), o turismo sustentável tem o potencial de gerar benefícios em diversos âmbitos. Ele contribui para a valorização das regiões, podendo desencadear mobilizações sociais e promover a colaboração comunitária. Compreendemos que os turistas têm o papel crucial de se tornarem porta-vozes eficazes na promoção da conscientização ambiental e na proteção dos biomas.

Em relação às vantagens que as expedições da Vivalá/turismo sustentável trazem para a região, o respondente enfatizou:

Tabela 6- Sobre as vantagens das expedições

Aqui a resposta pode ser conectada com a pergunta 2, mas para além disso, o Turismo Sustentável e de Base Comunitária traz também um *aumento considerável na autoestima e dignidade de comunidades*. Isso é evidente quando analisamos a *evolução de indivíduos que participam dos roteiros*. Aos poucos, pessoas entendem que suas histórias valem a pena de ser contadas e que devem ser respeitadas. Comunidades que se sentiam "esquecidas" (termo que ouvimos com frequência no norte e nordeste), se sentem *valorizadas*. E a partir desse valor que sentem, as comunidades *fortalecem sua identidade tradicional*.

Fonte: elaborado pela autora com base nas respostas enviadas pela Vivalá (2023).

Novamente, é reiterado compromisso e a preocupação da Vivalá com o turismo sustentável e com as comunidades envolvidas, no sentido de 'fortalecerem a sua identidade tradicional.

Com base nas informações coletadas junto à Agência Vivalá, fica clara a percepção da entidade em relação ao potencial representado pela Amazônia no contexto do turismo sustentável. Apesar dos desafios consideráveis, como a necessidade de melhorias em saneamento básico, proteção ambiental e segurança da população, a Amazônia emerge como um denominador comum para aqueles que se preocupam com a preservação da vida saudável em nosso planeta.

A Agência Vivalá demonstra, em suas manifestações, um compromisso real com as questões ambientais e, simultaneamente, um envolvimento efetivo das lideranças locais e dos residentes em todas as fases da experiência turística, desde o planejamento até a execução. Essa abordagem não apenas destaca a importância ambiental abrangente, mas também ressalta o impacto positivo nas comunidades que muitas vezes se sentiam negligenciadas, proporcionando-lhes um sentimento de valorização. Esse engajamento reflete a preocupação da Agência com a

sustentabilidade, reconhecendo a importância de incluir e valorizar as comunidades locais em suas práticas turísticas.

As estratégias comunicacionais, centradas na divulgação através do site e do perfil no Instagram, reforçam a ênfase no turismo sustentável. O objetivo é conscientizar os públicos interessados sobre o que encontrarão nas expedições e a importância de uma abordagem responsável em relação ao meio ambiente e às comunidades envolvidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Floresta Amazônica, incontestavelmente, destaca-se como a maior e mais crucial floresta do planeta. Como cidadãos globais, temos o dever de preservá-la. Seus benefícios para a humanidade transcendem a mera conservação do bioma, abrangendo uma riqueza extraordinária em sua fauna e flora, um patrimônio cultural robusto e desempenhando um papel essencial na sobrevivência humana por meio de suas vastas extensões florestais.

O impacto da globalização na Amazônia, conforme destaca Krenak (2020), foi transformar a floresta em um produto, desvalorizando sua riqueza intrínseca e expondo-a à voracidade da atividade industrial. Essa visão reduz a natureza a um recurso explorável, comprometendo sua integridade.

Cardoso e Muller (2008) já alertavam para as ameaças que a exploração desenfreada impõe à Amazônia, como incêndios, desmatamento ilegal, caça, pesca comercial, mineração, criação de gado e produção de soja. Esses desafios, porém, não são restritos a fronteiras nacionais; são globais, refletindo a interconexão trazida pela globalização, onde problemas como a poluição se estendem para além dos limites de um país.

A Amazônia, como região e patrimônio global, enfrenta desafios significativos devido ao desmatamento descontrolado. A poluição atmosférica, as emissões de gases de efeito estufa e a perda de habitats têm repercussões planetárias. Ao considerar o impacto da globalização, devemos reconhecer tanto os desafios quanto as oportunidades que ela traz para a Amazônia e, conseqüentemente, para o mundo.

Conectando a globalização com a preservação ambiental, se executado propriamente, o turismo surge como um fenômeno transformador. Enquanto encurta distâncias e aproxima culturas, o turismo também redefine as motivações para viajar, desempenhando um papel importante no emergente contato entre as nações.

Observamos que a Vivalá, por meio de sua metodologia, alinha suas práticas com os pilares delineados pela OMT (2011). Isso se traduz em seu compromisso de aprimorar a qualidade de vida das comunidades locais, proporcionar uma experiência de excelência aos visitantes e assegurar a preservação do meio ambiente ao longo de seu processo de atuação.

A pesquisa demonstra como a agência desenvolve roteiros de expedições, buscando tanto retorno financeiro quanto a consecução de objetivos sustentáveis para o nosso planeta. Essa integração dos três pilares foi plenamente evidenciada na análise das práticas adotadas pela Agência Vivalá, tanto pela postura de seus gestores quanto pelos resultados alcançados até o momento, visto que ambos os objetivos foram atingidos com sucesso.

As práticas da Vivalá em relação ao Turismo Sustentável se destacaram de maneira evidente durante nossa experiência na expedição. Ao longo dos 4 dias de imersão na Floresta Amazônica, na comunidade de Acajatuba⁷, notamos o cuidado da agência no planejamento do roteiro, na integração da cultura da comunidade local e no respeito pela fauna e flora.

Nesse contexto, fazemos alusão às estratégias comunicacionais da Agência, que, de acordo com Gayotto (2023), são direcionadas para a divulgação (envolvendo o site e Instagram da Agência), conscientizando os públicos sobre o que será encontrado nas expedições e “orientando” o comportamento do viajante diante do meio ambiente e da imersão nas comunidades que recebem. No nosso caso, desde o primeiro contato com o site da Vivalá, ficou evidente que a imersão com a comunidade local seria o ponto central de nossa expedição, sendo, inclusive, um dos motivos primordiais que nos levou a escolher a Vivalá para nos proporcionar essa experiência única.

Ao buscarmos conhecer a Floresta Amazônica, tínhamos plena consciência da importância de fazê-lo de maneira que preservasse, ou minimizasse ao máximo, o impacto no bioma local. Ao encontrarmos a agência Vivalá, por meio da sua divulgação, não apenas constatamos sua capacidade de planejar nossa expedição de forma sustentável, mas também percebemos em seus roteiros o cuidado especial em envolver a comunidade local.

Dessa forma, o que inicialmente seria uma simples viagem turística transformou-se em uma experiência completa, que englobou aprendizado, exploração e contato direto com a floresta, por nossa parte como viajantes, resultando em benefícios financeiros para a comunidade local e na preservação do precioso bioma Amazônico.

⁷ Acajatuba é uma região de lago localizada nas margens do Rio Negro, abrigando várias comunidades ribeirinhas. Essa área integra o mosaico do Baixo Rio Negro, nas proximidades de Manaus (Magalhães, 2021).

Além disso, como enfatizado por Gayotto (2023), a vivência dos viajantes durante as expedições resulta em um aprendizado profundo sobre o local visitado. Para nós, o contato com o meio ambiente e a convivência com a população local foram essenciais para enriquecer a experiência do grupo na expedição.

Conforme evidenciado tanto na pesquisa teórica quanto na pesquisa de campo realizada com a Agência Vivalá, acreditamos que nossos objetivos foram atendidos. Inicialmente, destacamos a relevância da Floresta Amazônica para o planeta Terra, explorando suas características e história. A contextualização do cenário amazônico, vinculado à globalização e seu papel no desmatamento do bioma, levou-nos à compreensão das transformações nas motivações de viagem, culminando no turismo contemporâneo.

Dessa forma, adentramos nas distintas modalidades de turismo, com especial enfoque no Turismo Sustentável e suas premissas fundamentais. Ao analisarmos a forma como a Agência Vivalá planeja suas expedições e implementa estratégias comunicacionais voltadas para práticas sustentáveis, revelou-se que a agência não apenas preserva o bioma amazônico em suas expedições, mas também desempenha um papel crucial no estímulo à economia local e na promoção de práticas turísticas alinhadas com os princípios da sustentabilidade.

A coerência entre os objetivos inicialmente propostos e as práticas efetivas da Agência Vivalá reforça a compreensão sobre a importância do compromisso ambiental e social no contexto do turismo na Amazônia. Este estudo não apenas cumpriu seu propósito investigativo, mas também ressalta a necessidade de uma abordagem consciente e sustentável no âmbito do turismo, contribuindo para a preservação do meio ambiente e o bem-estar das comunidades locais.

Diante do exposto nesta pesquisa, fica claro que a grandiosidade que envolve o tema Amazônia é justificada. A Floresta merece toda essa atenção, dada a crucialidade que possui para a nossa existência. Além disso, evidencia-se que o turismo sustentável tem um vasto potencial no Brasil, considerando a biodiversidade presente em nosso território. Acreditamos firmemente que o desenvolvimento da região Amazônica de maneira sustentável não apenas é possível, como já está em prática. Ao analisar as expedições da Vivalá, percebemos que são conduzidas de maneira a preservar os ecossistemas, sem causar destruição, e com um forte pilar

social, promovendo a conscientização dos viajantes e empoderando a comunidade local.

Esta pesquisa proporcionou uma visão abrangente do cenário amazônico, ampliando nosso conhecimento sobre o tópico e os fatores que envolvem a preservação da floresta. Reconhecemos que este é apenas o começo, entendendo que o caminho ainda é longo e requer a mobilização de toda a sociedade, incluindo a população brasileira, órgãos governamentais, organizações e setor comercial.

Mantemos uma perspectiva otimista para o desenvolvimento do turismo sustentável, concordando com as observações de Gayotto (2023) sobre a necessidade essencial do apoio dos órgãos governamentais para garantir práticas equilibradas e positivas para todos os segmentos envolvidos. Como enfatizado por Oliveira (2020), o futuro climático da Amazônia já está presente, e estamos cada vez mais próximos do ponto de não retorno. O desmatamento da floresta afeta todos nós de maneira igual, e a conscientização da população pode fazer a diferença.

Sob nossa perspectiva, a presença do turismo sustentável na região, conforme evidenciado, impulsiona o crescimento em outros segmentos, tornando-se um protagonista no desenvolvimento da região de maneira responsável. O estudo reforça a importância de cada indivíduo na preservação da Amazônia e na promoção de práticas sustentáveis, sendo um chamado para a ação coletiva em prol do futuro da floresta e do planeta como um todo.

REFERÊNCIAS

ALBERTS, Bruce. **Biologia Molecular da Célula**. 6. ed. [S. l.: s. n.], 2017.

ARIMA, Eugênio; UHL, Christopher. Pecuária na Amazônia oriental: desempenho atual e perspectivas futuras. **Biblioteca Florestal**, [s. l.], 1996.

BARROS, Ana Flávia Granja e. O Brasil na governança das grandes questões ambientais contemporâneas, país emergente?. **TEXTOS PARA DISCUSSÃO CEPAL • IPEA**, [s. l.], 2011.

CAMPOS, Suzana Santos. Segmentação turística e o mercado. **Segmentos do Turismo**, [s. l.], 2016.

CARDOSO, Fernando Henrique; MULLER, Geraldo. **Amazônia Expansão do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

CASTELO, Thiago. LEGISLAÇÃO FLORESTAL BRASILEIRA E POLÍTICAS DO GOVERNO DE COMBATE AO DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA LEGAL. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XVIII, ed. 4, p. 221-242, 2015.

DA CUNHA, David Nunes; DE JESUS, Grayceane Bomfim Santos. TURISMO SUSTENTÁVEL: Uma breve revisão sistemática. In: **Anais** do Fórum Regional de Administração, [s. l.], 2020.

DA POLÍTICA NACIONAL DO MEIO AMBIENTE. **Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. [S. l.], 1981. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6938.htm. Acesso em: 17 nov. 2023.

DOMINGUES, Mariana; BERMANN, Célio. **O Arco de Desflorestamento na Amazônia: da pecuária à soja**. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. XV, ed. 2, p. 1-22, 2012.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade, in: DUARTE, J.; Barros, A. (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

ENVOLVERDE. **Pan-Amazônia**. 2023. 1 figura. Disponível em: <https://shorturl.at/ejmU1>. Acesso em: 29 set. 2023.

FAZENDEIROS jogam agrotóxico sobre Amazônia para acelerar desmatamento. In: **Repórter Brasil**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2021/11/fazendeiros-jogam-agrotoxico-sobre-amazonia-para-acelerar-desmatamento/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

FEARNSIDE, Philip M. Desmatamento na Amazônia: dinâmica, impactos e controle. **Acta Amazonica**, [s. l.], v. 36, 2006.

FERREIRA, Adriano Fernandes; OLIVEIRA, Jofre Luis da Costa. O desenvolvimento do turismo como uma estratégia de sustentabilidade do espaço amazônico: um instrumento de preservação da Floresta Amazônica. **Direito das Políticas Públicas**, Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, v. 2, ed. 2, 2020.

FONTELES, José. Turismo Globalizado. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. ano 1, n.1 (1999).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ªed. São Paulo: Altas, 2002.

IBF. **Bioma Amazônia**. 2023. 1 figura. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-amazonico>. Acesso em: 28 set. 2023.

INPE - INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **A taxa consolidada de desmatamento por corte raso para os nove estados da Amazônia Legal em 2020 foi de 10.851 km²**. [S. l.], 2021. Disponível em: http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5811. Acesso em: 9 set. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Amazônia Legal**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html>. Acesso em: 4 set. 2023.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Amazônia Legal**. 2009. 1 figura. Disponível em: <https://static.todamateria.com.br/upload/am/az/amazonialegal.jpg>. Acesso em: 28 set. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. [S. l.]: Companhia das Letras, 2019.

LENCI, Flavia Silveira; RABINOVICI, Andrea. Contradições e dilemas do turismo de voluntariado: a experiência na comunidade do Lago do Acajatuba, na Amazônia Brasileira. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 15, ed. 4, 2022.

MACEDO, Ermínia Medeiro. **O turismo na praia de Barra Grande-PI: impactos e contribuições ao desenvolvimento local**. 2011. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) - Universidade de Brasília, [S. l.], 2011.

MADALENO, Isabel M. Desenvolver a Amazônia? História da ocupação humana da Amazônia Brasileira. **Espaço & Geografia**, [s. l.], v. 14, ed. 1, p. 331-360, 2011.

MAGALHÃES, Júlia. Manaus. *In*: CBN AMAZÔNIA. **Vila de Acajatuba**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://cbnamazonia.com/cidades/manaus/vila-de-acajatuba>. Acesso em: 11 nov. 2023.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Cartilha Parlamentar 2023/2024**. [S. l.: s. n.], 2023.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **ECOTURISMO**. Orientações Básicas, Brasília, ed. 2, 2010.

NOBRE, Carlos A. **Amazônia e o carbono atmosférico**. [s. l.], 1996.

NOBRE, Carlos; NOBRE, Ismael. "Projeto 'Amazônia 4.0': definindo uma terceira via para a Amazônia." **Futuribles**, São Paulo, 2019.

NUNES, Mônica. Conexão Planeta. *In*: **A Amazônia é o pulmão do mundo?**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/a-amazonia-e-o-pulmao-do-mundo/#fechar>. Acesso em: 4 jan. 2022.

NUNES, Nilson Santarém. **O ECOTURISMO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA**. Faculdade de Letras, Porto, 2012.

OLIVEIRA, Jofre Luis da Costa. O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO COMO UMA ESTRATÉGIA DE SUSTENTABILIDADE DO ESPAÇO AMAZÔNICO: UM INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO DA FLORESTA AMAZÔNICA. **REVISTA DIREITO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS**, [s. l.], v. 2, 2020.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Maria OLIVEIRA, Ivone de Lourdes Aparecida. Processos e estratégias de comunicação no contexto das organizações. In: Oliveira, Ivone de; LIMA, Fábila (Org). **Proposta Conceituais para a Comunicação no Contexto Organizacional**. São Caetano do Sul: Difusão Editora; Editora Senac Rio, 2012.

ONU. THE 17 GOALS. In: **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://sdgs.un.org/goals>. Acesso em: 10 out. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO - OMT. **Introdução ao Turismo**. Madrid, 2001

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO - OMT. **Segmentação do Turismo**. Brasil, 2021

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO- OMT. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Tradução de Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PRODES. In: INPE. **Nota Técnica PRODES Amazônia 2023**. [S. l.], 2023. Disponível em: https://www.gov.br/inpe/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/estimativa-de-desmatamento-na-amazonia-legal-para-2023-e-de-9-001-km2/2023_1020_Nota_tecnica_Estimativa_Taxa_2023_SEI.pdf. Acesso em: 9 set. 2023.

SANTOS, Daniel; SALOMÃO, Rodney; VERÍSSIMO, Adalberto. Fatos da Amazônia 2021. **Amazônia 2030**, [s. l.], 2021.

SCHOLTE, Jan Aart. What Is Globalization? The Definitional Issue – Again. **CSGR Working Paper**, [s. l.], v. 109, ed. 02, 2002.

SEVERINO, Antônio Carlos. **Metodologia do Trabalho Científico**. Disponível em <https://shorturl.at/pGJ19>. Acesso em: 15/11/2023.

SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA – SNUC. Lei n.º 9.985, de 18 de julho de 2000. **Unidades de Conservação**, [S. l.], 2023.

TORRE, De La. **El Turismo: fenômeno social**. México, Fondo de Cultura Econômica, 1992.

VIVALÁ. **Vivalá: Como funciona**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://vivala.com.br/como-funciona/>. Acesso em: 29 out. 2023.

VIVALÁ. **Vivalá: Início**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://vivala.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2023.

VIVALÁ. **Vivalá: Quem somos**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://vivala.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 29 out. 2023.

WATERS, Malcolm. **Globalização**. Oeiras: Celta Editora, 1999

ZAMAN, Khalid. Environmental cost of deforestation in Brazil's Amazon Rainforest: Controlling biocapacity deficit and renewable wastes for conserving forest resources. **Forest Ecology and Management**, [s. l.], 2022.

APÊNDICE A – Questões enviadas à Agência

1. Como se dá o planejamento das expedições na Amazônia de maneira que se enquadre na definição de turismo sustentável/turismo de base comunitária que a Vivalá utiliza?

O primeiro passo é identificar Unidades de Conservação ou Terras Indígenas como territórios a serem trabalhados. São estas áreas que sofrem maior pressão por desmatamento ilegal, motivado por uma visão de desenvolvimento atrasada e insustentável, que enxerga a floresta de pé como obstáculo à geração de riqueza. E por isso que é lá que queremos que o Turismo se torne motor de geração de oportunidades. Depois, identificamos as comunidades que vivem neste território, para que elas sejam as protagonistas e também concentrem o recurso que é gerado através da atividade turística na região. Por fim, em diálogo constante com as comunidades, nós traçamos as possibilidades de roteiros e atividades a serem realizadas por lá, garantindo que saberes e culturas ancestrais estejam no centro da experiência que potenciais viajantes terão na região. De maneira simplificada, é assim.

2. Como percebem/avaliam o impacto [social/econômico e sustentável] dessa prática de turismo para as comunidades na Amazônia?

Do ponto de vista quantitativo, nós mensuramos: dinheiro injetado nas economias locais através do Turismo / Negócios, famílias e pessoas nativas envolvidas na operação turística. São métricas que nos mostram o impacto sócioeconômico da atividade nessas comunidades. Embora já tenhamos tentado coletar mais dados nas comunidades, é bem difícil ter um histórico sobre faturamento e renda das pessoas antes do turismo chegar, para termos uma base de comparação confiável. Do ponto de vista qualitativo, coletamos relatos e construímos relacionamentos com empreendedores locais que nos trazem grandes indicadores de sucesso do Turismo na região.

3. Qual a sua opinião sobre o futuro do turismo sustentável na Amazônia?

Acreditamos que o turismo na Amazônia possui desafios imensos, mas que ainda são menores do que o seu próprio potencial. Iniciativas multissetoriais para trabalhar saneamento básico, fiscalização e proteção ambiental e segurança da população e dos turistas são extremamente necessárias para que o Turismo prospere na região. No entanto, nossa expectativa para os próximos anos é de que o turismo na região se

tornará cada vez maior. Pós Pandemia, a demanda cresceu de maneira acelerada em 2022 e 2023 - não só para a Vivalá, mas para os nossos parceiros locais também. E o olhar para o desenvolvimento da região nos deixa otimista. A COP 30 em Belém e todas as iniciativas públicas e privadas que têm se mostrado para nós, nos deixam bastante otimistas.

4. Quais as vantagens que as expedições da Vivalá/turismo sustentável trazem para a região?

Aqui a resposta pode ser conectada com a pergunta 2, mas para além disso, o Turismo Sustentável e de Base Comunitária traz também um aumento considerável na autoestima e dignidade de comunidades. Isso é evidente quando analisamos a evolução de indivíduos que participam dos roteiros. Aos poucos, pessoas entendem que suas histórias valem a pena de ser contadas e que devem ser respeitadas. Comunidades que se sentiam "esquecidas" (termo que ouvimos com frequência no norte e nordeste), se sentem valorizadas. E a partir desse valor que sentem, as comunidades fortalecem sua identidade tradicional.

5. Como é pensada a divulgação do turismo sustentável na Amazônia?

Há um grande esforço em divulgarmos a atividade do turismo na Amazônia de maneira responsável. Sem idealizações, sem reforço de estereótipo e muito menos trazendo eventuais momentos de escassez ou dificuldades da região como gatilho de mobilização. Trazer personagens das expedições para divulgações, colocar muito estímulo audiovisual e tentar traduzir um pouco das histórias que os viajantes podem encontrar nos roteiros - mas não o suficiente para dar 'spoiler' demais' - são ações que fazem parte do nosso pensamento. E mais do que tudo, reconhecer a importância de se conhecer o nosso bioma que hoje está muito ameaçado, provocando também as pessoas a conhecerem aquilo que buscam preservar.

APÊNDICE B – Entrevista com a Agência

Trechos recuperados da entrevista realizada com o co fundador da Vivalá, Pedro Gayotto.

1. Breve história da Agência:

“A Vivalá é fruto do nosso TCC, na verdade. Nós nos formamos em marketing em 2013. Inclusive, a Vivalá fez 8 anos essa semana. A gente tinha sensação de fazer algo com impacto social. [...] A nossa primeira expedição foi em 2017, desenvolvida com a nossa metodologia própria, voltada pra pilares educacionais, turismo e hospitalidade”.

2. Sobre a divulgação e planejamento de comunicação:

“Nós dois somos formados em marketing, acreditamos que esse seja um pilar forte e que o turismo se beneficia de uma comunicação bem feita. [...] Temos uma estratégia por trás da divulgação. Buscamos explorar a potência visual dos destinos, mantendo representações verdadeiras das localidades, assim como histórias de viajantes. [...] Nós temos inclusive, atualmente a “persona” que viaja com a Vivalá. Ela é inclusive muito parecida com você, assim. Engajada com a causa, jovem... O nome dela é Laura, mulher, graduada, já tem hábitos de consumo conscientes. Os dados dos nossos 3.000 viajantes mostram que 80% do nosso público é mulher, do sul/sudeste”.

3. Sobre o futuro do Turismo Sustentável no Brasil:

“Otimista. Assim, temos desafios. O saneamento por exemplo, é um problema sério, principalmente no Norte do país. Na Neiva, (por exemplo) eu sei que ela tem uma fossa. Mas esse é o tipo de coisa que gera muito impacto no rio. Se falarmos sobre colocar 5.000 turistas lá, ao invés de, sei lá, 1.000 em um ano, é uma baita diferença. Outro desafio é a questão da segurança pública. Você pode não ter visto quando foi lá, mas isso é um problema sério. Teve um caso de uma das pousadas terem sido saqueadas, chegaram com barcos lá e furtaram tudo. Daí as pousadas da região se uniram e agora tem patrulhas na região. Também tem uma base do exército, e quem paga a gasolina pras rondas são as pousadas. Também tem a questão da capacitação das comunidades, mas esse... esse é um ponto que a gente consegue... enfim, “gerir”. [...]

Fora esses desafios, acreditamos que a região tem um potencial gigantesco. Percebemos também que a preocupação com a Amazônia motiva a curiosidade. Pessoas querem conhecer porque correm risco de não ter mais. Vemos também um grande movimento atualmente na área “governamental”. Nós fomos acionados pelo Ministério do Turismo, por exemplo, para falar sobre a modalidade e a Vivalá. Estamos muito otimistas para os próximos... vamos dizer 2, 3 anos”.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br